
































Rua XV de Novembro 56
44380-000 Cruz das Almas –BA
galenodavelirio@yahoo.com.br



# Jacinta Passos, *coração militante*

poesia, prosa, biografia, fortuna crítica



organizadora
*Janaína Amado*

A Editora da Universidade Federal da Bahia,
a Editora CORRUPIO e a Fundação Cultural Galeno
d'Avelírio têm a honra de convidar para o lançamento
do livro ***Jacinta Passos: coração militante***,
organizado por **Janaína Amado**

**27 de julho de 2010, terça-feira,**
**às 20:30 h**

Casa de Cultura Galeno d'Avelírio
Rua XV de Novembro, 56, Centro
Cruz das Almas, Bahia

EDUFBA
EDITORA CORRUPIO

# REFLEXOS DE UNIVERSOS
## {84}

EDIÇÃO COMEMORATIVA
100 ANOS DE JACINTA PASSOS

*Setembro 2014*

2014 - Reflexos de Universos

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei dos Direitos Autorais 9.610/98.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida,
sob quaisquer meios (eletrônico, fotográfico e outros).
O conteúdo original da obra é de total e
exclusiva responsabilidade do autor.

Título:
"REFLEXOS DE UNIVERSOS"
{Edição Comemorativa 100 anos de Jacinta Passos}
Ano: 2014
Nº 84

Formatação e Diagramação:
Reinadi Rodrigues Sampaio

Editor dos textos:
Hermes Santos Filho

Imagens e poemas:
Cedidos gentilmente pelos autores: poetas e artistas plásticos


30 de Novembro de 2014
Centenário de Jacinta Passos

# VARANDA
# PREFÁCIO

## JACINTA PASSOS
## CANÇÃO DA LIBERDADE
## CEM ANOS DE POESIA

**Jacinta** Velloso **Passos** nasceu na Fazenda Campo Limpo, município de Cruz das Almas, Recôncavo da Bahia, em 30 de novembro de 1914. Mulher, feminista, comunista, separada do marido, empobrecida, louca. Muitos foram os estigmas que Jacinta Passos enfrentou. Sua trajetória de vida absolutamente singular, bem como sua fidelidade às ideias e valores que elegeu, levaram-na a chocar-se diuturnamente contra tudo e todos, na contramão do tempo. Seus embates foram duríssimos. Não fugiu a nenhum. Ao contrário, parece que os buscou. Pagou um preço pessoal muito alto pelas escolhas que fez. Caneta e lança na mão, escudo de ferro no peito, foi como guerreira que se apresentou, lutando até o último dia de vida contra muitos, inclusive contra uma parte de si mesma. Venceu, foi derrotada e recomeçou várias vezes, sem nunca ter perdido de todo a ternura... foi poeta até morrer ***{Janaina Amado}***

A obra de Jacinta Passos foi elogiada por intelectuais e críticos de grandes centros do país, cuja opinião realmente influía como Mario de Andrade, Aníbal Machado, Carlos Chiacchio, Antônio Cândido, Paulo Dantas, Sergio Millet e a ganhadora do prêmio Nobel de Literatura de 1945, Gabriela Mistral. A partir de *"Momentos de Poesia"* (1942), publicado em parceria com o seu irmão Manoel Caetano Filho, os livros que se seguiram sempre foram muito bem recebidos pela crítica, colocando Jacinta como um diferencial para a mesmice poética daquele tempo."A Coluna" de Jacinta Passos, recebeu de Paulo Dantas, em 1958, o seguinte comentário:
*"A Coluna além de grito de amor é peça histórica que agora se incorpora ao nosso cancioneiro, colocando-se ao lado de outros poemas no gênero como "O Navio Negreiro" de Castro Alves ou "Os "Cânticos Guerreiros" de Gonçalves Dias.*

"A Canção da Partida, publicado com tiragem de 200 exemplares em 1945, encantou Sérgio Millet:
"*Há em seus versos um tom grave, um certo recato arisco, uma ternura calma e penetrante a um tempo... Essa voz de acalanto não desdenha os ritmos populares dos quais, como artista, sabe tirar efeitos felizes.* Reeditada em 1990, recebeu um ensaio crítico de José Paulo Paes." *Poemas Políticos"* foi editado no Rio de Janeiro, em 1951, no qual a autora acrescenta inovações temáticas formais à sua obra, reforçando o seu prestígio junto aos ciclos de esquerda e tornando o seu nome conhecido no meio literário da então capital brasileira. Em 1975 , publica *'A Coluna'* composto de um poema épico homônimo em quinze cantos falando sobre a Coluna Prestes, que motivou comentários auspiciosos dos críticos da época...
Quem teve a ventura de ler estes cem anos de poesia, certamente palmilhou com Jacinta todos os caminhos do inconformismo social mas levitou no lirismo com que ela brada toda a sua indignação, ternamente extraída da sua alma.**{Hermes Peixoto}**

**Reflexos de Universos n. 84/2014**
ANO 38 - Novembro de 2014
Fundadores:
Nelson Magalhães Filho,
Welington Sá e Luiz Carlos Mendes
Editor Responsável: Hermes Peixoto
Gravura da capa: Alice Puente
facebook.com/ReflexosDeUniversos

## CADERNO DE POESIAS

### O BECO
### RENATO PASSOS

*Em todo lugar do mundo*
*os becos são quase sempre*
*iguais, e são alternativas*
*para muitos e diversos desafogos.*

O beco, rua pequena e estreita;
Uma viela sem atrativos e sem cuidados.
Velhos casarões, casas pequenas, casas suspeitas,
Casebres escorados, casebres caindo,
Pedaços de casas, ruindo em ruínas.
O beco
Parece afluente de um rio
Para onde corre e se esconde o lixo
De bicho e de gente vadia,
Depravada... Gente vazia
Tudo que vem na correnteza da enxurrada
Rebola, desvia e encalha no beco;
Todo lixo, molhado ou seco
Tempo quando fecha chuvarada;
Beco, desaperto estreito
Que desafoga o caos do trânsito
Da avenida larga, transversal e comprida,
Bem iluminada, congestionada, completa,
Repleta e comprimida;
O beco escuro,
Beco do muro:
Sumidouro de bicho e de gente.
Beco sujo, calçado de buracos

Refúgio da mulher perdida
Toca da fêmea
E a mulher, parida de todos os seus machos
Escondida
Mulher consumida pela miséria aos cachos;
Lugar onde ela descansa e ganha a vida
Mulher sem direitos de ofendida
Pecadora, com deveres de bandida.
O beco, rua curta e estreita
Onde o malandro apronta
E o marginal espera e espreita;
Quem passa, passa ligeiro
E com tudo se amedronta:
Atravessa a travessa com medo.
O beco esconde... Onde?
Traficante e ladrão, ladrão e assassino.
Escola de viciar em droga e roubo
Adolescente ingênuo e até menino.
Prostitutas reluzem de noite, na escuridão
E bichas que gritam e se agridem,
Para manter no beco a sua posição.
Um velho casarão
Um cortiço ruindo quase ao chão
A parede da fachada, já rachada
A madeira do telhado podre e quebrada,
Também pode incendiar.
Um curto circuito
Nos fios trançados, descobertos, sem proteção
Pode transformar em cinzas o casarão.
E tanta miséria vai deixar em miséria maior
Desabrigo de abrigo é dor pior
Beco do desafogo e do desespero
Quem passar e der sopa vira tempero
Beco, onde de dia se esconde o diabo
Quando chove o chão escorrega que nem quiabo
E vai... Quem escorrega cai.

Beco onde durante o dia
Ambulantes vendem frutas, verduras, bijuterias
A noite é domínio de travestis e prostitutas
Para vender e revender o sexo
Chegam aos tapas as putas
Nas disputas por um freguês...
Mulher de vida fácil, na vida mais difícil
Mundana, mulher-dama
Briga pra comer, sendo comida,
Na luta pra sobreviver
Não tem direitos nem nome
Quando não é comida... não come.
Corre que lá vem a polícia
Morre numa vida de merda e fictícia.
Mendigos do beco fazem seu domicílio
E assistem todas as noites
E, as vezes, até participam
Das cenas de sexo, sem nexo e explícito,
Do vandalismo, de violência
Toda noite, reprise do mesmo filme
A luta pela sobrevivência
Cenas degradantes e humilhantes.
Depois dormem agasalhados pelas consequências,
Encolhidos sobre a calçada
já molhada pelo sereno.
Tremem de frio na madrugada
Embrulhados como coisa qualquer, num velho jornal.
No beco do pó e do veneno, tudo termina mal.
É preciso no mundo, acabar tanta miséria
A pobreza mata pois é doença séria.
Beco do baixo mulherio
Mictório de depravados
Beco do mijo. Passarela do fedor
Beco de fétido odor. Beco do lixo.
Beco imundo
De dia, reduto de vagabundo